

A MORTE NO MUSEU – A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DE UM CAIXÃO

FÁBIO OMAR VATTIMO RIBAS¹; MARCOS ROBERTO SILVA DE SOUZA²; NAIR CARRIL
FONSECA³; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – *fabioovr@hotmail.com*

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – *marcosroberto02012@gmail.com*

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – *nairamont@hotmail.com*

⁴ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – *dllrmuseologo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito explorar o conceito de morte, e a carga semântica que orbita o tema, a partir da observação dos sentimentos evocados por um caixão funerário exposto como parte do acervo museológico do Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR). O MHMR está localizado na cidade de Morro Redondo, no interior do estado do Rio Grande do Sul, e foi fundado em 2011 por iniciativa de três moradores locais: os senhores Osmar Franchini, Antônio Reinhard e Ervino Butow, este atual presidente da instituição e doador do caixão. O caixão, segundo uma entrevista realizada com Sr. Ervino, pertenceu à funerária de seu falecido pai, que trabalhou durante anos no ramo. A doação ao museu se deu em função da falta de espaço para guardá-lo adequadamente e da impossibilidade de comercializá-lo, pois é feito de madeira de lei, cujo comércio é proibido. Contudo, imaginamos que o fator determinante para sua doação esteja na vontade de tornar este enigmático objeto patrimônio do Museu; uma forma de dar uma segunda chance de vida ao artefato (DEBARY, 2010). Ao adentrar no espaço museológico, e ganhar protagonismo na exposição do Museu, este objeto passa a compor um cenário que tem como pano de fundo a imaginação e os afetos do público, ou mesmo sua repulsa.

A morte sempre foi símbolo dos mais diversos ritos através do tempo, especialmente em função dos enigmas e incertezas que permeiam o imaginário popular. No museu, a morte também pode ser ritualizada, afinal, segundo Nora (1993), só é lugar de memória aquilo que é objeto de um ritual. No MHMR o cenário em que o caixão inserido ritualiza e alude às distintas formas de morrer na cidade. Isto posto, este trabalho busca discutir os impactos gerados no público quando confrontado com esse objeto revestido de aura simbólica, o caixão funerário musealizado.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos que embasam este trabalho têm por base a observação, escuta e sistematização de narrativas coletadas durante a visita ao MHMR, nomeadamente no nicho “Morte”, tomando como foco a exposição do caixão. Mais do que uma análise quantitativa e racional, busca-se nesse trabalho lidar com o subjetivo das falas, com os lapsos, as reticências e os gestos que atravessam a relação intersubjetiva entre o objeto (caixão) e os sujeitos, dentro do cenário museal. Nesse sentido, este ensaio se insere no contexto da pesquisa social, de abordagem qualitativa, na medida em que trabalha com um universo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos humanos e sociais (MINAYO, 1994). Como instrumento, foi realizada uma entrevista de modo fenomenológico com alguns visitantes. Este modo permite que o sujeito expresse suas experiências de acordo como enxerga o mundo (LANIGAN, 1988).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A motivação de expor um caixão funerário no museu veio por meio do relato de uma antropóloga à instituição. À época, ano de 2017, Cátia Simone da Silva, antropóloga, apesar de ter se encantado com as narrativas apresentadas na instituição, sentiu falta do diálogo com a morte. Posteriormente, ao visitar o cemitério da cidade e avistar uma lápide de um morador, de origem alemã, falecido em 1910, Silva trouxe como provocação a ideia de discutir sobre o falecimento dos primeiros habitantes da região. Mais tarde, Sr. Ervino, à época vice-presidente da Associação, trouxe a lápide encontrada pela antropóloga e, com a contribuição de outras cinco peças doadas pelo então presidente, Sr. Osmar, todas em escrita alemã e alto relevo, foi germinada a exposição que propõe retratar não somente a morte da pessoa, mas da morte no Museu. Afinal, os modos de vida de uma cidade também são, com efeito, caracterizados pelos traços culturais que orbitam as formas de morrer. Nos primeiros meses daquele ano, posterior à inserção do objeto, o Museu recebeu algumas dezenas de visitantes, que tinham as mais diferentes reações ao avistarem o objeto fúnebre. Passamos, então, a observar seus atos, mas também a questioná-los sobre suas reações.



Fonte: Autor, 2018.

Os resultados observados a partir dos relatos das pessoas que visitaram a exposição demonstraram que grande parte delas, ao avistar o caixão, emitiam sinais de repulsa ou respeito, seja fazendo sinais da cruz ou então saindo de perto ao avistar o objeto; em alguns casos, criticou-se a equipe por ter tal símbolo “de mau agouro” naquele local. Estas reações partem do pressuposto de que cada um de nós tem uma representação de morte, baseada nas vivências e experiências com esta (Salomé, Cavali & Espósito, 2009).

As reações foram acontecendo de forma natural, primeiro dentro de cada grupo e depois aos mediadores. Uma visitante expõe “pra mim é algo tranquilo, pois faz parte de nossas vivências aqui na terra. Todos vamos morrer um dia. Esta é a única certeza que temos né? ”; já outra senhora, meia idade diz que “ é

algo que eu não desejo (falando da morte), mas sei que um dia vai acontecer”; ou ainda algumas, como: “eu até lido bem com a minha morte, sei que vai acontecer, mas nunca fui a um velório. Ver uma pessoa, que a gente ama, morta, dentro de um caixão e saber que ali será sua última morada, que nunca mais veremos é duro”. Esta última fala é corroborada pela fala de Heidegger (2008), que expõe que nós, que ficamos, somos quem experienciamos a perda, pois do outro, que partiu, não se tem certezas.

Os visitantes, de modo geral, emitiram duas atitudes básicas, propostas por Giles (1989). Nas representações de Sombra (negação) eles evitam o contato direto com o caixão ou procuram negar a existência dele ali. Muitos foram os visitantes que negaram a existência do caixão, passando sem fixar o olhar, em direção à porta de saída. Na representação de Luz (transcendência) aparecem junto da interação os diálogos do ser eterno, como ser que vence a morte. Nesta última representação a religiosidade ganha o terreno. São pessoas que compreendem a finitude como uma parcela do eterno, passagem para outra (s) vida (s). A quase totalidade dos visitantes questionados possuíam alguma religião ou crença, como conforto de uma vida após a morte.

Como exemplo de transcendência tem-se um exemplo de uma senhora, cerca de sessenta anos, espírita e viúva, segundo ela “ quando a gente morre só o corpo fica aí (no caixão), a alma vai pra outro plano”. Para um rapaz, de cerca de trinta anos e protestante “a morte é apenas carnal, pois o espírito nunca morre. Este daí é apenas um lugar para guardar nosso corpo até que ele vire pó, de onde viemos”.

A morte, e seus signos, nem sempre foi tratada de maneira arredia e com receio. Segundo Ariès (2003), até adentrar a idade moderna, os homens tinham a morte como parte de sua rotina. Contudo, com o advento da modernidade, a morte e suas representações tornam-se romantizadas, mas temidas, e deixam as casas e vão em direção aos cemitérios, que, afastados das residências e igrejas, tornam a morte significação do pesar. Dicotomiza-se a vida e a morte. Tem-se agora a morte do outro, distante de mim e sinônimo de fracasso do não vencer a morte (CAPUTO, 2008). Segundo o autor, os caixões servem como receptáculos para guardar um corpo insuportável, indigno de estar junto aos vivos. Portanto, explica muito das reações dos visitantes ao entrar em contato com o acervo.

Para Kübler-Ross (1996) a finitude da vida, pós-modernismo só tinha significação de intervenção maligna e, como tal vista como algo pejorativo e, torna-se ainda mais temerosa. Criam-se mecanismos de destruição em massa e também de métodos para prolongar a vida, corroborando ainda mais com a ideia de apropriação da morte. Nesta seara, a religião, segundo a mesma autora, pode ser vista como uma premissa de negar a própria mortalidade.

4. CONCLUSÕES

Entendemos, entretanto, que retratar “a morte” em um museu do interior do estado, muito mais que chocar e produzir críticas, faz parte do papel desta instituição, qual seja: fazer reflexões acerca do indizível. Os objetos ali expostos, o caixão junto das lápides, não são somente gatilhos de evocação de memórias traumáticas e/ou dolorosas, são também parte do acervo material e imaterial daquela cidade, ou a representação dela. Em outros termos, os objetos ali dispostos “funcionam como indicadores de memória e fragmentos da vida social da cidade” Além de representar os modos de vida da região, o caixão pode ser visto também como o que sobrou de uma extinta (e famosa) funerária da cidade,

pertencente ao falecido pai de um dos fundadores do Museu – portanto conta parte da história da biografia de seus moradores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003
CAPUTO, R. F. O Homem e Suas Representações sobre a Morte e o Morrer. São Paulo, Saber Acadêmico, nº 6, 2008.

DEBARY, Octave. **Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27- 45. ago-nov. 2010.

DURAND, G. **As estruturas Antropológicas do imaginário. Introdução a Arquetipologia Geral**. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANIGAN, R. L. **Phenomenology of communication**. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 1988.

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis : Vozes, 1994

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC– SP, n. 10, p. 7-28, 1993

SALOMÉ, G. M., Cavali, A., & Espósito, V. H. C. **Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde**. Revista Brasileira de Enfermagem. 2009.

SANTOS, Amanda Basílio. **Lembrando dos Mortos: Memória Litúrgica e Memoriabilid no Medievo**. IN: SANTOS, Amanda Basílio; BRAHM, José Paulo Siefert. Morte e Simbolismo na cultura Ocidental. 1 ed. Pelotas: Basibooks, 2019.p.20-40